

DEZ ANOS DO MEEL: EXPERIÊNCIA E ACONTECIMENTO

Ana Antônia de Assis Peterson (UFMT)

RESUMO: Este texto é uma breve reflexão de uma professora da área de Estudos Linguísticos sobre sua experiência de participação do Mestrado de Estudos de Linguagem (MeEL) da UFMT, por ocasião da comemoração dos dez anos deste Programa. Ressalta brevemente alguns feitos do Programa e, com base em um texto de Jorge Larrosa Bondía, aponta que o saber da experiência é saber subjetivo, pessoal, relativo, contingente, que não pode se separar do indivíduo concreto em quem encarna.

TEN YEARS OF MEEL: AN EXPERIENCE AND EVENT

ABSTRACT: This text is a brief reflection of a professor in the area of Linguistic Studies about her experience in the Masters Program of Language Studies at UFMT for 10 years. It briefly highlights some accomplishments of the program and, using as a base a text of Jorge Larrosa Bondía, points out that the knowledge of experience is subjective, relative, contingent and personal knowledge that can not be separated from the concrete individual in whom it embodies.



Quando a Profa. Divanize Carbonieri (coordenadora) me informou que estava organizando um evento para comemorar os 10 anos do Mestrado de Estudos de Linguagens (MeEL) da UFMT e que gostaria de realizar uma mesa redonda, para compartilhar saberes com professores que vivenciaram o MeEL desde o seu início, só me restou dizer que sim. É fato. Ao longo desses anos, com a entrada de outros colegas, ouvi várias vezes comentários como: “você, que está há mais tempo...”, “você, que tem mais experiência ... diga aí...”. Atualmente, todos já são experientes, contudo, em nome do estar há mais tempo vivendo o MeEL, fui designada a falar sobre ele, junto com as professoras Maria Inês Pagliarini Cox, Rhina Lando Martínez André e Célia Domingues da Rocha Reis, talvez, para relembremos minúcias.

Flagrei-me falando em voz alta (uma das minhas manias). O que recordar? O que dizer? Fazer um histórico dos acontecimentos que marcaram o MeEL? Deveria discorrer sobre as minhas pesquisas e as dos colegas? Relatar o trabalho colaborativo com colegas e orientandos? Arrazoar o que aprendi até aqui participando do Programa?

Sim, lembro-me das faces apaixonadas, agitadas dos meus colegas professores, nas discussões finais acerca do projeto do mestrado, do Instituto de Linguagens, no segundo semestre de 2002. Estavam lá Prof. Mário César Leite, Prof. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, Prof. Elias Alves de Andrade, Profa. Ludmila Brandão. Especialmente, recordo-me, da última reunião com o então representante da CAPES, quando últimas dúvidas foram sanadas e últimas recomendações ouvidas. De tal modo, coube à Profa. Maria Inês P. Cox e ao Prof. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida arrematarem de modo primoroso a redação final do documento do Programa de Mestrado em Estudos de Linguagem-MeEL, entregue à Coordenação da CAPES/MEC no dia 10 de dezembro de 2002 (a data precisa eu vi num folder de 2009, que achei entre minhas coisas). Também por ele, sei da data exata – 17 de fevereiro de 2003 – quando faces ansiosas se transformaram em pura alegria. Pronto! Nosso Programa havia sido aprovado pelo CONSEPE da UFMT, Resolução no. 014, autorizando seu funcionamento a

partir de agosto de 2003. Atualmente, o MeEL tem, em 10 anos, como troféu, o total de aproximadamente 180 dissertações defendidas.

Não é pouca coisa. Como qualquer programa de pós-graduação, ao longo dos anos, passou por desafios e cumpriu objetivos iniciais. Um objetivo alcançado foi o de ter contribuído para formar quadros profissionais para as atividades de ensino universitário e de pesquisa no campo de linguagens no Estado de Mato Grosso. Mais recentemente, o empenho tem sido em direção da formação de mestres para o ensino de educação básica.

Outro objetivo concretizado pelo MeEL foi firmar-se como centro de investigação e produção de conhecimentos avançados acerca das temáticas perfiladas pelas linhas de pesquisa do programa. Muitos dos nossos mestres têm dado continuidade à sua formação de pesquisador por meio da realização de doutorado. Com o mestrado e/ou o doutorado, conseguiram trabalho na região de Mato Grosso e até mesmo em outros estados do Brasil. Com alguns dos meus ex-alunos, estamos mapeando, por exemplo, os pólos de atuação, no Estado de Mato Grosso, dos professores de língua inglesa formados pelo MeEL para a formação de uma rede de atuação, apontando para quem faz o que em tal lugar e como essa rede poderá ser acionada para eventos multiplicadores na sua região.

MeEL também firmou-se como instância produtora de conhecimento pela participação intensa de professores e alunos em fóruns nacionais e/ou internacionais debatendo questões de linguagem. Para isso, basta olhar o *Curriculum* de cada um na Plataforma Lattes e confirmar o seu grau de produtividade.

Em busca de compor esta palestra, também perguntei aos meus colegas da área de estudos de língua estrangeira, os professores Solange Maria de Barros, Sergio Flores Pedroso e Dánie Marcelo de Jesus, como viam o seu trabalho no MeEL e que sugestões ofereciam para o futuro do Programa. Todos os três mostraram-se satisfeitos com a oportunidade que o MeEL lhes oferece para desenvolver trabalho de formação e pesquisa e, em consequência, engajar-se em processo contínuo de aprendizagem,



adequando seus focos de interesses aos interesses de um programa de qualificação de futuros formadores de professores de língua estrangeira e/ou de profissionais voltados para estudos de linguagem. O MeEL tem-lhes permitido estreitar laços com outras instituições, produzir artigos e capítulos de livros, organizar livros, participar de debates nacionais e/ou internacionais e, principalmente, trabalhar de modo colaborativo com seus orientandos. Em relação ao futuro do MeEL, desejam:

1. Ampliar o diálogo com a educação básica.
2. Criar condições para preparar alunos da graduação e professores de Ensino Básico para entrada no Programa.
3. Criar condições para inclusão de alunos cegos, surdos, entre outros.
4. Aumentar mais vagas nas disciplinas para alunos especiais.
5. Criar disciplinas que possam ser desenvolvidas à distância para envolver professores interessados em se qualificar.
6. Expandir o Programa para o doutorado.
7. Organizar pelo menos dois eventos científicos reconhecidos – seminários e similares –; um com estudantes e outro com professores, em periodicidade anual.
8. Promover discussões com os discentes e egressos do MeEL com vista à melhoria da avaliação do nosso Programa.
9. Criar metas concretas de produção científica para o corpo docente.

Dito isso, gostaria de compartilhar com vocês algo que aprendi com a leitura de um artigo de Jorge Larrosa Bondía, de 2002, intitulado “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, que me parece adequado para tratar do ‘quesito experiência’ – o motivo desta mesa. A minha fala daqui em diante se apropria de modo despudorado do texto de Larrosa, tentando delinear uma breve síntese de alguns aspectos do pensamento do autor sobre “a experiência e o saber da experiência”.

Em seu texto, Larrosa (2002, p. 20) aponta que a educação tem sido pensada a partir da relação entre da ciência e técnica ou, às vezes, entre teoria e prática. Para o autor, o primeiro par ciência/técnica remete a uma perspectiva positiva e retificadora em que “as pessoas que trabalham em educação são concebidas como sujeitos técnicos que aplicam com maior ou

menor eficácia as diversas tecnologias pedagógicas produzidas pelos cientistas, técnicos e especialistas”. Na outra perspectiva – relação teoria/prática –, “estas mesmas pessoas aparecem como sujeitos críticos que, armados de distintas estratégias reflexivas, se comprometem, com maior ou menor êxito, com práticas educativas concebidas na maioria das vezes sob uma perspectiva política”. Tem sido assim a divisão no campo pedagógico nas últimas décadas: de um lado, os chamados técnicos partidários da educação como ciência aplicada e, de outro, os chamados críticos, partidários da educação como *práxis* política.

Larrosa (2002, p. 21) propõe então que pensemos juntos uma outra alternativa para pensar a educação a partir do par *experiência/sentido* que seria uma possibilidade mais existencial e estética. Salienta que palavras produzem sentido, criam realidades. Com as palavras fazemos coisas e também as palavras fazem coisas conosco. Não pensamos com pensamentos, mas com palavras. E pensar não é somente “raciocinar”, “calcular” ou “argumentar”, mas é, sobretudo, dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E o sentido ou não-sentido é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. O homem é muito mais “um vivente dotado de palavra”, nos diz ele, do que “animal dotado de razão” ou “animal racional”. Quer dizer que “todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra em palavras, está tecido de palavras, e o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, e se dá na palavra e como palavra”. Por isso, “atividades como considerar as palavras, criticar as palavras, eleger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras etc não são atividades vazias, não são mero palavrorio” (2002, p. 21). Quando fazemos coisas com as palavras, estamos dando sentido ao que somos e ao que nos acontece, nomeamos o que vemos ou o que sentimos e como vemos ou sentimos o que nomeamos.



Assim, conclui Larrosa, “nomear o que fazemos em educação ou em qualquer outro lugar, como técnica aplicada, como práxis reflexiva, ou como “experiência dotada de sentido” não é somente uma questão terminológica”, são mais do que palavras. E, por isso, “as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente ou somente palavras” (2002, p.21). Nesse sentido, a experiência “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo quase nada nos acontece. Parece mesmo que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça”. Larrosa cita Walter Benjamim, que já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo: “Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara” (2002, p. 21).

O que destrói a experiência?, pergunta Larrosa. O autor nos diz que a experiência é impossível em um mundo constituído pelo excesso de informação, em um mundo que o sujeito tem opinião para tudo, a favor ou contra. A experiência é cada vez mais rara por falta de tempo. Tudo se passa demasiadamente depressa. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade que caracterizam o mundo moderno impedem a conexão significativa entre os acontecimentos. Ao sujeito moderno do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Para Larrosa, o excesso de trabalho prejudica a experiência. Trabalho entendido como um sujeito que pretende conformar o mundo, tanto o mundo “natural” quanto o mundo “social” e “humano”, tanto a “natureza externa” quanto a “natureza interna”, segundo seu saber, seu poder e sua vontade. O sujeito moderno está atravessado por um afã de mudar as coisas. Sujeitos ultra-informados, transbordantes de opiniões e superestimulados, cheios de vontade e hiperativos. “Sempre em atividade, daí não poderem parar e nada lhes acontece”, assinala Larrosa (2002, p. 24).

Mas, quem é o sujeito da experiência?, pergunta ele. Chama a atenção para como escutamos a palavra experiência em diferentes línguas. Em espanhol, a “experiência é o que nos passa”, “o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz efeitos, inscreve marcas, deixa alguns vestígios”. Em francês, “o sujeito da experiência “é aquilo que nos chega (“ce que nous arrive””, um ponto de chegada, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. Em português (“o que nos acontece”), italiano (“quello che nos succede”), e em inglês (“that what is happening to us”), em que a experiência soa como “aquilo que nos acontece, nos sucede”, “o sujeito é um espaço onde tem lugar acontecimentos” (2002, p. 24). Em qualquer uma dessas definições – território de passagem, lugar de chegada ou espaço do acontecer –, diz o autor (2002, p. 24), “o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, receptividade, disponibilidade, por sua abertura. Trata-se de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão com uma receptividade primeira, com uma disponibilidade fundamental como uma abertura essencial”.

“O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “im-posição” (nossa maneira de impormos), nem a “pro-posição” (nosso maneira de propormos), mas a “ex-posição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso, é incapaz de experiência aquele a quem “nada lhe passa, nada lhe acontece, nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, nada o ameaça, nada ocorre” (2002, p. 25).

Larrosa esclarece que “se a experiência é o que nos acontece e o saber da experiência tem a ver com elaboração de sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado a existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ... trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular o sentido de sua própria



existência, de sua finitude ... O saber da experiência é saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal, ... um saber que não pode se separar do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade humana singular de estar no mundo, que é, por sua vez, uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo)” (2002, p. 27).

O par experiência/sentido, conforme nos expõe Larrosa, parece-me adequado para pensar o MeEL. Como vivemos o MeEL ao longo dos anos? Fomos sujeitos técnicos aplicadores das diversas tecnologias pedagógicas? Fomos sujeitos críticos partidários da educação como *práxis* políticas? Ou temos sido ao longo da caminhada “sujeitos da experiência” sob o ponto de vista da travessia e do perigo, da abertura e da exposição, da receptividade, da transformação e da paixão, talvez em maior grau nos anos iniciais e, em menor grau, nos últimos anos, ou talvez não?

Com a palavra, os professores do MeEL. Obrigada.

Referências

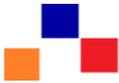
BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação* [online], No.19, 2002, pp. 20-28. Disponível em: <http://www2.unirio.br/unirio/cla/ppgcla/ppgeac/processos-seletivos-discentes/2014/bibliografia-arquivos-para-download/bondia-larrossa.-notas-sobre-a-experiencia-e-o-saber-da-experiencia/view> Acesso em: 28 de agosto de 2013.

Recebido em 10/09/2013.

Aceito em 11/10/2013.

Ana Antônia de Assis Peterson

Possui graduação em Letras (Português-Inglês) pela Universidade Santa Úrsula (1973), mestrado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (1980), mestrado em Master Of Science In Education - University of Pennsylvania (1987) e doutorado em Educational Linguistics - University of Pennsylvania (1995). Atualmente é professora Associada II da Universidade Federal de Mato Grosso. Tem experiência na área de Linguística Aplicada, com especial interesse em



ensino/aprendizagem de língua inglesa em escola pública, etnografia escolar,
World English e pedagogia crítica.
E-mail: anaassis@terra.com.br